



A ADAPTAÇÃO TRANSFORMATIVA EM *FANFICTIONS* DE *OS MISERÁVEIS*, DE VICTOR HUGO

Letícia Batista Dornelas¹

¹Universidade Federal de Jataí (UFJ)/leticia.dornelas13@gmail.com

Resumo:

Fanfiction é a ficção escrita de fãs para fãs, baseando-se em uma mídia já existente ou uma celebridade, e que é compartilhada com a comunidade. Com décadas de história, a *fanfiction* se tornou um gênero literário, com convenções narrativas e vocabulário específicos. Durante essa história, houve controvérsias sobre sua legitimidade enquanto adaptação. Este artigo compara o romance *Os Miseráveis*, de Victor Hugo (1862), e três *fanfictions* baseadas no livro que possuem aspectos narrativos e cronológicos em comum. A análise busca estabelecer as *fanfictions* como adaptações transculturais. Procuramos refletir, especificamente, sobre como os “amigos do ABC” se transformam em reimaginações contemporâneas, considerando os ativismos do início dos anos 2010. Para basear a pesquisa, utilizamos os conceitos de adaptação de Hutcheon (2013) e Sanders (2006). Recorremos também a estudos sobre *fanfiction*, como McCain (2014), e sobre *Os Miseráveis*, como Rubino-Finn (2014) e Grossman e Stephen (2015). Em nossa análise, percebemos que a *fanfiction* reinventa, ressignifica e expande elementos narrativos, e reflete sobre desigualdades. Vimos também que a construção desses personagens é influenciada tanto pelo original quanto pela realidade dos escritores. Concluimos que o corpus das *fanfictions* de *Os Miseráveis* é transformativo, unindo o material original às adaptações e à construção dos fãs.

Palavras-chave: Teoria da adaptação. Estudos de fãs. Literatura anglófona.

Introdução

A *fanfiction* é um dos tipos de trabalho derivativo mais conhecidos na chamada cultura de fãs e se caracteriza como ficção escrita de fãs para fãs tomando como ponto de partida um trabalho de mídia já existente (livros, filmes, música, quadrinhos, etc.) ou uma celebridade (com o nome de Real Person Fiction ou RPF). Ela pode ser compartilhada em arquivos online ou impressa na forma de zines. Anne Jamison (2013, p. 49, tradução nossa) afirma que *fanfiction* é “escrever histórias para uma comunidade de leitores que já quer lê-las, que quer falar sobre elas, e que pode estar escrevendo também¹”. Com vários anos de história, a *fanfiction* evoluiu para se tornar seu próprio gênero literário, com convenções narrativas e vocabulário específicos.

Neste artigo, estudaremos três produções de *fanfiction* do romance *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, publicado pela primeira vez em 1862. Partindo da teoria da adaptação e da

¹ No original: “[...] it’s writing stories for a community of readers who already want to read them, who want to talk about them, and who may be writing them, too.

literatura comparada, pretendemos investigar as relações entre a obra-base e os seguintes textos: *philia*, escrito por flybbfly, *world ain't ready*, por idiopathicsmile e *Evergreen*, por lyres. Este artigo se concentra especificamente na comparação da forma como os personagens são construídos nessas produções literárias a fim de demonstrar o trabalho transformativo e adaptativo feito por fãs-escritores. Também buscamos descobrir como a relação entre esses grupos e o texto-base se reflete na *fanfiction*, e como essa produção literária dialoga com o produto que a originou.

Os Miseráveis é um livro no qual Victor Hugo se dedica a representar as desigualdades sociais da sociedade francesa pós-revolucionária do século XIX. Nosso foco específico é no grupo de estudantes que participa da rebelião de 1832 e cruza seu caminho com o protagonista Jean Valjean - os amigos do ABC.

Os “Amigos do ABC” são uma sociedade fictícia que espelha os revolucionários franceses de várias épocas. Rubino-Finn (2014) explica que a intenção de Hugo ao descrever o grupo não é recontar com exatidão a rebelião de junho de 1832, mas sim unir narrativamente a sequência de rebeliões urbanas na França a partir de 1830. Renato Janine Ribeiro, na apresentação da edição brasileira, relata que é a partir da década de 1830 que as revoluções na França deixam de ser políticas e se tornam sociais, mobilizando operários a agir contra a burguesia industrial.

O nome da organização dos “Amigos do ABC” é um trocadilho com a palavra francesa *abaissé*, que significa humilhado. Hugo ressalta os laços de amizade entre o grupo, sua jovialidade e senso de dever. Na primeira aparição da organização, ela é descrita assim:

Todos eles eram filhos diretos da Revolução Francesa. Os menos sérios tornavam-se solenes quando pronunciavam esta data: 89. Seus pais segundo a carne eram ou tinham sido *feuillants*, monarquistas, doutrinários; isso pouco importava; a confusão que precedera sua juventude não os afetava; o puro sangue dos princípios corria-lhes nas veias. Ligavam-se diretamente, sem nuanças intermediárias, ao direito incorruptível e ao dever absoluto (HUGO, 2012, p. 677-678).

Os Miseráveis foi um livro muito aguardado. Antes de sua publicação, Victor Hugo recebeu o equivalente a 2 milhões de dólares pelos direitos do livro, que foi publicado simultaneamente em seis línguas diferentes. Apesar disso, o romance foi recebido de maneiras diversas pelos críticos da época. Essa universalidade, curiosamente, é um dos fatores que ajudaram a manter *Os Miseráveis* relevante quase duzentos anos após a sua publicação. Isso não apenas estabelece *Os Miseráveis* enquanto texto canônico, mas também é uma das

características da obra que a torna propícia para adaptação:

O romance ressoou profundamente com as crises da modernidade, dos privilégios hierárquicos da sociedade *fin-de-siècle* e o extremismo político da Europa fascista à atmosfera revolucionária dos anos 60 e a concentração de renda na "era dos 99%" do século 21 (GROSSMAN; STEPHENS, 2015, p. 5. Tradução nossa).²

Os Miseráveis foi um romance extensivamente adaptado. Isso se deve, em parte, ao próprio Victor Hugo, que autorizou várias interpretações de seu trabalho ainda em vida e colocou suas obras em domínio público em 1870, por acreditar que o que ele escrevia não era seu, mas sim pertencia ao público (GROSSMAN; STEPHENS, 2015). Dessas adaptações, a mais popular é a versão em língua inglesa do musical de Boublil e Schönberg, que abre em Londres em 1985 e fecha apenas em 2020. Rubino-Finn (2014) traça um paralelo entre o livro e a adaptação, argumentando que ambos, apesar de serem grandes sucessos de público, geraram reações mistas da crítica. O musical ganha, por sua vez, uma adaptação para o cinema em seu vigésimo-sétimo aniversário no ano de 2012. Esse filme, dirigido por Tom Hooper, apresenta a obra para um novo público e gera uma onda de produções de fãs.

Les Misérables (2012) ressoa com o público - majoritariamente jovem – por uma série de motivos. Alguns deles dizem respeito à universalidade da obra de Victor Hugo, outros têm a ver com o contexto mundial à época do lançamento. No ano de 2012, alguns meses antes da estreia nos cinemas, uma onda de protestos no Oriente Médio se torna conhecida como Primavera Árabe e chama atenção para o poder das redes sociais em distribuir informação e organizar tais protestos. Apenas um ano antes, o movimento *Occupy* protesta a concentração de renda e a influência de grandes empresas no governo. Nos anos seguintes, explode a série de protestos conhecida como Jornadas de Junho no Brasil, e nasce o movimento *Black Lives Matter* nos Estados Unidos, ambos em 2013. Esse contexto político não apenas torna a história de *Os Miseráveis* mais relevante, mas também é levado em conta pelo diretor, pelos produtores e cinematógrafos:

Uma pista visual perceptível aumenta esse enfoque político. Junto com a designer de produção Eve Stewart, Hooper apresenta o Café Musain - onde a sociedade estudantil ABC se encontra no coração da narrativa - em formato de fatia, para lembrar explicitamente o Flatiron Building da cidade de Nova York. Apenas um ano antes do lançamento do filme, o movimento *Occupy Wall Street* havia começado em Nova York, instigando uma cultura global de

² No original: The novel has therefore struck a powerful chord with the crises of modernity, from the hierarchical privileges of *fin-de-siècle* society and the political extremism of Fascist Europe to the revolutionary atmosphere of the 1960s and the concentration of wealth in the twenty-first century's so-called "age of the 99%."

resistência ao neo-capitalismo que parece projetar uma sombra sobre o filme na forma dessa alusão visual (STEPHENS, 2015, p. 201, tradução nossa).³

Além do filme, um concerto em comemoração aos 25 anos do musical e novas edições do romance ajudaram a apresentar *Os Miseráveis* para uma nova geração. Esse *fandom* se organizou, majoritariamente, na rede social *Tumblr*, que nessa época conquistava uma grande popularidade. O *Tumblr* se tornou atrativo para fãs por uma série de motivos: a possibilidade de postar qualquer tipo de conteúdo, a organização de postagens por *tags*⁴, a relativa anonimidade e a opção de criar vários *blogs* vinculados à conta principal, podendo separar os interesses do usuário. Allegra Rosenberg (2020), em um texto sobre a plataforma, diz que a rede social foi cativante por causa da facilidade de uso e do sistema de busca. Assim, o *fandom* de *Os Miseráveis* pós-2012 se formou num contexto em que vários *fandoms* se organizavam online simultaneamente e em espaços que eram utilizados tanto para organização de *fandoms*, quanto para ativismo político.

Os “Amigos do ABC” se tornam propícios para adaptação, apropriação e atualização por uma série de motivos. Primeiramente, os personagens aparecem por pouco tempo no romance e no musical: quase nenhum deles tem nome completo e alguns personagens nem têm nome ou falas no musical. Essa falta de individualidade cria a primeira hipótese: o desejo de expandir as histórias dos personagens a partir das informações que são recebidas - o que parece ser a noção básica do que leva autores a escrever *fanfiction*.

A comunidade de *fanfiction* se define como um espaço que dá voz e possibilidades criativas a grupos marginalizados. Verifica-se, portanto, a relevância social e artística dessa atividade. Em um censo informal realizado com usuários do site *Archive of our Own* (CENTRUM LUMINA, 2013), cerca de 80% dos entrevistados eram mulheres e apenas 38% se identificavam como heterossexual. Além disso, a média de idade dos entrevistados era de 25 anos. Em outra pesquisa, de 2017, não há dados sobre sexualidade, mas 83% dos entrevistados eram mulheres e a maioria tinha entre 18 e 24 anos. Portanto, podemos inferir que estudar

³ No original: One noticeable visual cue broadens this political scope. Alongside production designer Eve Stewart, Hooper presents the Café Musain—where the student ABC society meets at the heart of the narrative—in wedge-shaped fashion so as to be explicitly reminiscent of the Flatiron Building in New York City. Just over a year before the film was released, the Occupy Wall Street movement had begun in New York, instigating a global culture of resistance towards neo-capitalism that seems to cast its shadow across the picture in the form of this visual allusion to one of the city’s most recognizable works of architecture.

⁴ *Tags* ou *hashtags* são palavras-chave ou termos relevantes associados a uma informação (uma publicação, imagem ou vídeo) que ajudam a descrever esse item e torná-lo identificável por mecanismos de busca. As *tags* são normalmente adicionadas pelo próprio usuário.

fanfiction é estudar as produções de um contexto demográfico que não é comumente representado no cânone literário, e sequer desfruta de muitas oportunidades de publicação tradicional – mulheres e pessoas LGBTQ+ jovens.

Nos anos 2010, a *fanfiction* se torna tendência, sendo discutida tanto no meio jornalístico e editorial quanto nos próprios produtos de mídia que a geram. Um reflexo disso é a vitória do Prêmio Hugo de 2019, que premia trabalhos de ficção especulativa e relacionados, pelo *Archive of Our Own* - uma plataforma para publicação e arquivamento de *fanfictions*. Para Casey Fiesler (2019), professora de ciência da informação e membro da organização que constrói o arquivo, a indicação ao Hugo é sinal de um respeito maior tanto pela *fanfiction* como uma forma de arte, quanto pela comunidade que cria e consome trabalhos transformativos na plataforma.

Pretendemos, portanto, dar atenção a tais produções de grupos marginalizados no cânone literário, fomentando a importância da inovação artística e das vozes dessas minorias. Além disso, justificamos este artigo ao providenciar uma análise do panorama da *fanfiction* no início dos anos 2010.

O objetivo geral deste artigo é analisar de modo comparativo o livro *Os Miseráveis*, de Victor Hugo e a *fanfiction* escrita a partir do romance. Para isso, temos os objetivos específicos de analisar a caracterização do grupo de personagens conhecido como “Os Amigos do ABC” em *Os Miseráveis*, relacionando-os com o contexto das rebeliões sociais da França à época da publicação; observar a construção dos mesmos personagens nas *fanfictions* *philia*, *World Ain't Ready* e *Evergreen*, percebendo a influência dos movimentos sociais dos anos 2010 na formação deste grupo; e comparar ambas as formas de caracterizar os personagens a fim de compreender como ocorre a adaptação da obra-base nas *fanfictions* a partir do envolvimento dos personagens em lutas sociais.

Metodologia

A metodologia deste artigo é a análise literária comparativa do romance *Os Miseráveis*, publicado em 1862 por Victor Hugo, e três textos de *fanfiction* disponíveis no acervo online *Archive of our Own*, todos publicados de forma serial entre 2014 e 2015, sendo eles: *philia*, *World Ain't Ready* e *Evergreen*. Para embasar teoricamente a nossa análise, recorreremos a estudos sobre a adaptação de textos literários, como as obras de Kathryn Grossman e Bradley Stephens (2015), Linda Hutcheon (2006) e Julie Sanders (2006),

principalmente. Também buscamos estudar textos que trouxessem um panorama histórico e literário da *fanfiction*, como os trabalhos de Katherine McCain (2015), Anne Jamison (2013) e Brownen Thomas (2007). Este trabalho, afinal, é uma maneira de compreender como obras canônicas reverberam artisticamente em contextos minoritários e populares, além da compreensão de como a *fanfiction* se insere no âmbito da crítica literária.

1. Fundamentação Teórica

A *fanfiction*, assim como outros aspectos da cultura de fã, é alvo de dúvidas e controvérsias desde sua popularização nos anos 70 e 80. Algumas delas dizem respeito à caracterização da *fanfiction*, questões de plágio e propriedade intelectual, e diferenças entre textos adaptativos e derivativos. Assim, para basear nosso trabalho e explorar tais questões, buscamos, dentro da teoria e crítica literária, os conceitos de adaptação, intertextualidade e apropriação.

A adaptação é um fenômeno cultural que se faz cada vez mais relevante nos estudos de mídia nos últimos anos. Vários autores, especialmente na virada do século, se dedicaram a estudar a adaptação de obras literárias. Uma delas, Linda Hutcheon (2013, p. 28), define a adaptação como uma “repetição sem replicação”:

Em resumo, a adaptação pode ser descrita do seguinte modo:

- Uma transposição declarada de uma ou mais obras reconhecíveis;
- Um ato criativo e interpretativo de apropriação/recuperação;
- Um engajamento intertextual intensivo com a obra adaptada.

Assim, a adaptação é uma derivação que não é derivativa, uma segunda obra que não é secundária - ela é a sua própria coisa palimpséstica (HUTCHEON, 2013, p. 30).

O conceito de adaptação de Hutcheon pode ser um pouco restritivo, já que ela não considera que obras como sequências ou *fanfictions* sejam adaptações. Para a autora, o desejo de adaptar vem da vontade de contar a mesma história de um modo diferente, e não de continuá-la.

Outra estudiosa, Julie Sanders (2006), define a adaptação de maneira mais ampla. Em seu *Adaptation and Appropriation*, ela afirma que a função de um texto adaptado seria a de prolongar a experiência da apresentação original, relacionando o novo produto com uma memória preexistente (SANDERS, 2006). Desse modo, a adaptação seria um comentário sobre o texto original, já que ela está sempre “oferecendo um ponto de vista revisado do ‘original’, adicionando motivações hipotéticas, ou dando voz aos silenciados e marginalizados.”

(SANDERS, 2006, p. 18-19, tradução nossa).⁵

No contexto das *fanfictions*, essas motivações para adaptar se mostram extremamente relevantes. Sendo uma forma alternativa de literatura, produzida majoritariamente por mulheres, pessoas LGBTQ+ e pessoas racializadas, a *fanfiction* se torna um meio de revisar os textos-base. Ela faz isso tanto adicionando detalhes a tópicos do enredo, que foram subdesenvolvidos pelo autor, quanto representando grupos que estão ausentes nesses textos.

Nas *fanfictions* de *Os Miseráveis*, podemos verificar as duas motivações de Sanders: segundo dados do site fanlore.org, a maioria das *fanfictions* do livro gira em torno do grupo “Os Amigos do ABC”, o nome dado por Hugo ao grupo de estudantes revolucionário do qual o personagem Marius Pontmercy acaba participando. Essas *fanfictions* servem tanto para adicionar detalhes a esses personagens secundários, quanto para representá-los de formas diferentes do texto original – muitas *fanfictions* giram em torno de relacionamentos homoafetivos entre esses personagens, e alguns deles são comumente representados como não-brancos.

Em *Literatura Comparada: teoria, história e crítica*, Sandra Nitrini (2015) nos dá um panorama geral dos estudos comparativos. No capítulo Conceitos Fundamentais, ela apresenta a conceituação feita pelos principais comparatistas sobre influência, originalidade, plágio e intertextualidade. Podemos relacionar com esta pesquisa as teorias do intertexto, que têm em Julia Kristeva uma de suas maiores influências. Para ela,

A linguagem poética surge como um diálogo de textos. Toda sequência está duplamente orientada: para o ato da reminiscência (evocação de uma outra escrita) e para o ato da somação (a transformação dessa escritura). O livro remete a outros livros e, pelo processo de somação, confere a esses livros um novo modo de ser, elaborando assim a sua própria significação (NITRINI, 2015, p. 162-163).

A *fanfiction* se situa neste patamar dialógico porque é uma mistura de outros textos. Além do *canon*, os autores de *fanfiction* se voltam para certas convenções narrativas, como o universo alternativo (*Alternate Universe* ou AU), e recursos narrativos de histórias românticas. As *fanfictions* analisadas, por exemplo, se localizam todas no AU contemporâneo - categoria majoritária no *fandom*. Além disso, o corpus de *fanfictions* de *Os Miseráveis* se volta não apenas para o livro, mas também para suas centenas de adaptações, gerando um diálogo entre obras

⁵ No original: “Adaptation is frequently involved in offering commentary on a sourcetext. This is achieved most often by offering a revised point of view from the ‘original’, adding hypothetical motivation, or voicing the silenced and marginalized.”

que influenciam outras e que, por fim, foram influenciadas por uma obra-base.

A escrita revisional também presente na *fanfiction*: tanto na atitude de reescrever, ressignificar e reimaginar acontecimentos do material de base quanto no uso de convenções de escrita que se distribuem entre *fandoms* diferentes e ao longo dos anos. Alguns acadêmicos dos estudos de *fanfiction*, como McCain (2015), ecoam as reflexões de Sanders e descrevem esse processo como uma retomada da agência do consumidor sobre o produto:

O objetivo de invadir é remover as histórias de um ambiente de consumo altamente controlado e colocá-las nos "corpos auto-governados" do *fandom* (Mayer Schonberger). Então, para fãs, escrever não é a "operação solipsística" descrita por Walter Ong e a "originalidade" raramente é alcançada sentando-se sozinho em uma mesa. O ato de deliberadamente criar histórias a partir de outras - e então criar mais histórias a partir destas - não é apenas divertido e trabalhoso (por mais que seja isso também), mas é antes de tudo uma necessidade. É uma maneira de retomar a agência do consumidor, de voltar para uma época - geralmente os tempos dos mitos - em que a contação de histórias era um trabalho comunitário que abarcava gerações, em vez de (supostamente) solitário. (McCAIN, 2015, p. 17. Tradução nossa)⁶

Ao comparar as descrições de trabalhos adaptativos e *fanfictions*, podemos estabelecer a *fanfiction* como um gênero literário construído coletivamente. Contar histórias a partir de outras histórias ecoa a prática comunitária que existiu antes de preocupações com direito autorial, além de ser uma prática de análise ou crítica do texto original. Logo, a escrita e leitura de *fanfiction* desafiam a noção do "consumidor" de mídia que apenas recebe passivamente o conteúdo.

1.1. Revisão da Literatura

Alguns autores já se voltaram para os estudos de *fanfiction* e para o estudo das adaptações de *Os Miseráveis*. No campo dos estudos de *fanfiction*, um dos autores que discute a relação do material "canônico" com a construção dos fãs é Brownen Thomas em seu artigo *Canon and fanons: literary fanfiction online*. Apesar de discutir um contexto bastante diferente da *fanfiction* contemporânea por ser escrito em 2007, o artigo define bem as noções de canon e fanon, e a reflexão sobre o *fandom* de Jane Austen é especialmente relevante por se tratar de

⁶ No original: "The goal of poaching is to remove stories from a tightly controlled, consumer environment and place them into the "self-governed regulatory bodies" of fandom (Mayer-Schonberger). For fans then, writing is not the "solipsistic operation" that Walter Ong describes and "originality" is rarely achieved by sitting alone at one's desk. The act of creating new stories deliberately out of old ones — and then creating further stories out of those — is not merely fun and industrious (though it is both those things, too), but it is primarily a necessity. It is a way of reclaiming consumer agency, of harking back to a time — generally times of myths — when story-telling was a comunal endeavor that took place over generations, rather than a (supposedly) solitary one."

uma obra do cânone literário ocidental, assim como *Os Miseráveis*. Assim, Thomas (2007) traz uma reflexão sobre a contribuição da *fanfiction* para a evolução do conceito do cânone.

Uma obra relevante para entender o contexto das adaptações de *Os Miseráveis* é o livro editado por Grossman e Stephens intitulado *Les Misérables and its Afterlives*, que se dedica a estudar o legado de *Os Miseráveis* enquanto obra literária e em relação às suas adaptações. Na introdução, os editores trazem informações sobre a história do livro e de suas numerosas adaptações. No último capítulo, Stephens (2015) discorre sobre o legado e os significados de *Os Miseráveis* no século XXI, discutindo especialmente a adaptação em filme musical dirigida por Tom Hooper em 2012. Algumas das referências e motivações de Hooper para a produção do filme são relevantes para que se entenda qual é o contexto político que gerou essa interpretação dos “Amigos do ABC”. Além disso, essa adaptação ajudou a construir a versão contemporânea do *fandom* - tema que será discutido a seguir, na seção de análise.

2. Análise e discussão

Uma das características mais marcantes do *fandom* de *Os Miseráveis* é a predominância de trabalhos escritos em universo alternativo (AU), como exemplificado por uma publicação de 2018 que diz:

tbh one of the more subtly chaotic *fandoms* was les mis, because modern aus became so common they stopped being labelled all the time because it was just assumed it'd be a modern au. but there were still original time period works scattered in so you'd have a fucking schrodinger's cat situation where everyone is both in 1800's and the current day until someone whips out a cell phone (gavrockandroll, 2018)⁷

O corpus selecionado para esse trabalho também exemplifica isto: todas as três *fanfictions* situam os personagens no mundo contemporâneo, duas delas os imaginando como estudantes universitários (assim como no livro) e uma como estudantes do ensino médio. Assim, podemos reforçar a hipótese já exposta neste artigo: as histórias baseadas em *Os Miseráveis* não são apenas expansivas, e sim transformativas. Nessa nova hipótese, a descrição vaga dos “Amigos do ABC” se torna uma inspiração em si só, por universalizar os personagens e tornar mais fácil a imaginação deles em um contexto do século XXI.

⁷ honestamente, um dos *fandoms* mais sutilmente caóticos era les mis, porque os modern aus ficaram tão comuns que eles pararam de ser marcados o tempo todo porque as pessoas assumiam que era um modern au. mas ainda tinha textos do período original no meio então você tava numa situação de gato de schrodinger em que todo mundo tá ao mesmo tempo no século 19 e nos dias atuais até alguém pegar um celular

Na transposição dos “Amigos do ABC” para contextos estudantis contemporâneos, o senso dado por Hugo de jovialidade e dever é mantido, porém ajustado para o período em questão:

Éponine shrugs. ‘I don't know what to tell you. They're a pretty close-knit bunch. All their names seem to start with a C for some reason. Hyper PC about everything. I talked to one of them after singing last week, and he asked my pronouns before we even knew each other's names.’ (lyres, 2015, p. 47)⁸

A citação acima ilustra bem como essas dinâmicas são transportadas e transformadas: os Amigos do ABC são descritos por uma personagem como unidos e socialmente conscientes. Ainda assim, já é possível ver uma mudança de foco: em vez de serem descritos como entusiastas de grandes revoluções, eles se destacam pelas visões típicas dos ativismos nascidos em espaços digitais no início dos anos 2010. Isso também é possível de se perceber na citação a seguir:

‘So we thought that the one thing this school really lacked was a general interest social justice group. There are organizations that cater to students of color, lower income students, LGBTQA students, et cetera—but we're the one-size fits-all for your social justicing needs.’ He grins at the few who chuckle at this, and Grantaire wonders how much of this is a self-aware joke.⁴ (flybbfly 2015, p. 10)⁹

Algo interessante sobre o ABC da *fanfiction* é que o grupo é definido por termos vagos como “justiça social”. As histórias podem focar em lutas específicas - direitos LGBT+, igualdade racial, diferenças de classe - mas os membros do ABC participam de uma variedade de eventos e combatem diversas injustiças. Isso evoca tanto o musical de Boublil e Schönberg (a revolução musicalizada de *Les Mis* é sobre o conceito abstrato de “liberdade”) quanto o mundo vivido pela comunidade que produz e consome *fanfiction*: os ativismos virtuais do início dos anos 2010 deram visibilidade maior a várias causas.

As the meeting begins, Courfeyrac gives him a quick lowdown on how the ABC works. “You caught us on the first meeting of the month,” he whispers. “That’s probably the most interesting one. Everybody gets three minutes to make the case for their favorite cause, and then we vote on what we work on for the next month.” In theory, no one person is in charge—everything is strenuously democratic—but Grantaire is willing to bet that, in practice,

⁸ "Eu não sei o que te dizer. Eles são bem unidos. O nome de todo mundo começa com C por algum motivo. Super politicamente corretos sobre tudo. Eu conversei com um deles depois de cantar semana passada, e ele perguntou meus pronomes antes até de a gente saber o nome um do outro."

⁹ "Então nós pensamos que o que faltava nessa universidade era um grupo de justiça social em geral. Tem organizações para estudantes racializados, pobres, LGBTQA, et cetera - mas nós somos o grupo pra tudo que você precisar em justiça social." Ele sorri para os poucos que riem disso, e Grantaire se pergunta o quanto disso é uma piada autoconsciente.

everyone lets Enjolras speak a few minutes longer (idiopathicmile, 2015, p 18)¹⁰

A dedicação extensivamente inclusiva do “ABC” da *fanfiction* influencia a própria organização dos grupos que são retratados nas histórias. A citação acima é um exemplo: todo o funcionamento do grupo se baseia em dar oportunidades iguais de voz e voto aos seus participantes. No entanto, como aponta o narrador na citação acima, o modelo democrático e horizontal do grupo nem sempre é seguido. Esse é um aspecto interessante do “ABC” do século XXI: os personagens estão constantemente revendo as suas práticas e sendo alertados de suas contradições em potencial. Isso reflete a dinâmica de ativismos contemporâneos, fortemente influenciada pelas redes sociais.

As considerações acima apresentadas não implicam que a *fanfiction* dos “Amigos do ABC” apenas corrobora o cânone; na verdade, a interpretação dos fãs se torna crucial em corrigir desigualdades identificadas no texto por leitores contemporâneos. O que a *fanfiction* nos apresenta, dessa forma, não é uma sociedade idealizada que ostenta uma utopia de justiça social, mas uma estrutura por vezes imperfeita que, ainda assim, inclui diversos grupos de indivíduos cuja representação pode estar subdesenvolvida em obras-base e no “mundo real”. Dessa forma, voltamos à afirmação da hipótese de que há uma necessidade de reformular e adaptar personagens existentes no texto original.

Considerações finais

Neste artigo, estudamos três *fanfictions* do romance *Os Miseráveis*, com enfoque na maneira como elas se relacionam com a obra em que são baseadas. Um de nossos objetivos principais foi comparar tais obras para compreender como a adaptação do romance ocorre nos textos escritos por fãs.

Ao longo da pesquisa, encontramos conceitos que nortearam nossa leitura dos textos de ficção, como adaptação transcultural, apropriação, intertexto, *canon* e *fanon*. Essas ideias nos levaram a entender a *fanfiction* como um gênero literário próprio que se desenvolve por meio de um trabalho de adaptação da(s) obra(s) em que se baseia. A principal característica

¹⁰ Enquanto a reunião começa, Courfeyrac explica rapidamente como o ABC funciona. "Você nos pegou na primeira reunião do mês" ele sussurra. "Essa é provavelmente a mais interessante. Todo mundo ganha três minutos pra defender a sua causa favorita, e a gente vota no que vamos fazer pelo próximo mês." Na teoria, ninguém está no comando - tudo é incansavelmente democrático – mas Grantaire aposta que, na prática, todo mundo deixa o Enjolras falar alguns minutos a mais.

desse gênero literário é a coletividade, que se estende desde a comunidade de escritores-autores até a construção de um *fanon*, concepção coletiva de aspectos da história ou da caracterização.

O *fanon* tem um papel muito importante nas histórias de *Os Miseráveis* e na construção de Universos Alternativos (AUs). As *fanfictions* em AU contemporâneo pegam emprestados fragmentos do romance de Victor Hugo e das suas centenas de adaptações, além das ideias de outros fãs sobre como esses personagens se comportariam no século XXI. Estudando um caso específico – a organização dos grupos de luta social da *fanfiction* – verificamos a influência do *fanon*, das obras-base e da própria sociedade vivenciada pelos autores nesses textos.

Assim, fomos capazes de concluir que as *fanfictions* de *Os Miseráveis* são adaptações transculturais do romance e suas outras versões (filme, musical, série, entre outros).

Referências

CENTRUMLUMINA. **AO3 Census Masterpost**. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20200707191232/https://centrumlumina.tumblr.com/post/63208278796/ao3-census-masterpost>> Acesso em 13 de abril de 2019.

FANLORE. Les Amis de L'ABC. **Fanlore**. Disponível em: <https://fanlore.org/wiki/Les_Amis_de_1%27ABC>. Acesso em 05 de setembro de 2020.

FIESLER, Casey. Why Archive of our Own's Surprise Hugo Nomination is Such a Big Deal. **Slate**. 2019. Disponível em: <<https://slate.com/technology/2019/04/archive-of-our-own-fanfiction-2019-hugo-nomination.html>>. Acesso em 13 de abril de 2019.

FLYBBFLY. *philia*. **Archive of our Own**. 2015. Disponível em: <<https://archiveofourown.org/works/3766021/chapters/8365750>>. Acesso em 3 de abril de 2019.

GAVROCKANDROLL. "tbh one of the more subtly chaotic *fandoms* was les mis...." **Tumblr**. 2018. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20180418073745/http://gavrockandroll.tumblr.com/post/172847220281/tbh-one-of-the-more-subtly-chaotic-fandoms-was-les>>. Acesso em 12 de agosto de 2020.

GROSSMAN, Kathryn; STEPHENS, Bradley. *Les Misérables: A Prodigious Legacy*. In: GROSSMAN, Kathryn; STEPHENS, Bradley (org.). **Les Misérables and its Afterlives: between page, stage and screen**. Nova York: Routledge, 2015. p. 1-16.

HUGO, Victor. **Os Miseráveis**. Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Cosac-Naify, 2012.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Trad. André Cechinel. 2ª edição. Florianópolis: Editora UFSC, 2013.

IDIOPATHICSMILE. World Ain't Ready. **Archive of Our Own**. 2015. Disponível em: <<https://archiveofourown.org/works/2306315/chapters/5074574>>. Acesso em 5 de abril de 2019.

JAMISON, Anne (org.). **Fic: why fanfiction is taking over the world**. Dallas: SmartPop, 2013.

KLINK, Flourish. Towards a definition of “fanfiction”. Fansplaining. 2017. Disponível em: <<https://www.fansplaining.com/articles/towards-a-definition-of-fanfiction>>. Acesso em 14 de agosto de 2020.

LYRES. Evergreen. **Archive of Our Own**. 2015. Disponível em: <<https://archiveofourown.org/works/3437582/chapters/7535345>>. Acesso em: 7 de abril de 2019.

MCCAIN, Katherine. **Canon vs. Fanon**: Genre devices in contemporary fiction. Dissertação de mestrado. Washington: Faculty of the Graduate School of Arts and Sciences of Georgetown University, 2015.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada**: História, teoria e crítica. 3ª ed. São Paulo: EdUSP, 2015.

ORGANIZATION FOR TRANSFORMATIVE WORKS. **AO3 vence o prêmio Hugo 2019 de Melhor Obra Relacionada**. 2019. Disponível em: <https://archiveofourown.org/admin_posts/13534>. Acesso em 03 de agosto de 2020.

ROSENBERG, Allegra. The Ever Mutating Life of Tumblr Dot Com. **Fansplaining**. 2020. Disponível em: <<https://www.fansplaining.com/articles/the-ever-mutating-life-of-tumblr-dot-com>>. Acesso em 02 de setembro de 2020.

RUBINO-FINN, Olivia. “**A few pages of history**”: *Les Misérables* in the Nineteenth-Century French Imagination. Monografia. Universidade Rutgers, Nova Jersey, 2014.

STEPHENS, Bradley. *Les Misérables* and the Twenty-First Century. In: GROSSMAN, Kathryn; STEPHENS, Bradley (org.). **Les Misérables and its Afterlives**: between page, stage and screen. Nova York: Routledge, 2015. p. 191-204.

SANDERS, Julie. **Adaptation and appropriation** (the new critical idiom). EUA, Canadá: Routledge, 2006.

THOMAS, Brownen. Canon and fanons: literary fanfiction online. **Dichtung Digital**, 2007.